

EUCARISTIA: SACRAMENTO SUSTENTADO PELO(S) RITO(S) ATRAVÉS DO(S) SÍMBOLO(S) LITÚRGICO(S) NA SUSTENTAÇÃO DO MITO DA RESSURREIÇÃO

Francisco Roberto Coura de Assis¹

Resumo: Este trabalho tem como finalidade estudar a utilização do mito, rito e símbolo na esfera religiosa católica, no tocante ao ato eucarístico. Não obstante, não temos a pretensão de encerrar essa discussão, mas de estimular a pesquisa e o debate. Analisando o rito e o símbolo à luz do mito, tendo como base o discurso religioso em que este se emprega o mito, para dialogar e mantê-lo. Assim, é importante perceber as manifestações do rito para compreender o símbolo e manter o mito. Abrangendo a compreensão simbólica do ato eucarístico, propomos uma ampliação no entendimento conceitual, na vida material dos envolvidos no processo religioso; sendo capaz de observar na linguagem dos ritos e dos símbolos visuais o sentido do mito; além de fornecer uma melhor compreensão acerca do conhecimento produzido. Diante deste prisma de pensamento, este trabalho está organizado de forma sistemática: primeiramente uma compreensão do mito, rito e símbolo; seguindo para uma visão do sacramento eucarístico da Igreja Católica. Sendo constatado que o mito se sustenta ao logo dos anos pelo exercício do culto na utilização deste símbolo.

Palavras - chave: Mito. Rito. Símbolo. Sacramentos. Católico. Eucaristia.

1- Introdução

A necessidade deste estudo surgiu no contato com o pensamento eucarístico, fonte de todos os sacramentos para os católicos, assim como em sua atualização em cada culto realizado, demonstrando a necessidade do culto na sustentação do mito eucarístico; bem como, a compreensão do mito observando o rito(s) e o(s) símbolo(s) utilizado(s) na prática religiosa católica e a valorização da mesma, na vida comunitária cristã católica.

Desenvolvemos este trabalho, dentro de um olhar metodológico fundado na visão de Durkheim, Rudolf Otto, Mircea Eliade, Marshall David e João Paulo II; e de maneira encadeada e investigativa, buscamos entender como se dar o artifício de constituição do mito eucarístico na cultura e na vida dos católicos, na valorização dos ritos e símbolos litúrgicos.

2- Eucaristia: sacramento sustentado pelo(s) rito(s) através do(s) símbolo(s) litúrgico(s) na sustentação do mito Ressurreição.

2.1- A ressurreição de um ser feito de luz: o próprio Deus na terra.

Segundo Durkheim (1989, p.67), não existe religião sem ritos e sem crenças. A igreja é um conjunto de crenças morais partilhadas por todos os membros (fiéis), por esse

¹ Professor Especialista. Couraassis@hotmail.com

motivo, mantém-se e renova-se na prática do culto. Vejamos abaixo outra citação do autor onde ele vê na consolidação do mito, os ritos e o culto:

Já que toda religião é composta de representações e de práticas rituais, devemos tratar sucessivamente das crenças e dos ritos (...) Certamente, esses dois elementos da vida religiosa são muito estreitamente solidários para que seja possível separá-los radicalmente. Ainda que, em princípio, o culto derive das crenças, ele reage sobre elas; o mito modela-se muitas vezes pelo rito afim de explicá-lo. (DURKHEIM, 1989, p.139)

É focalizando o maior rito do culto cristão católico, a eucaristia, que nossa pesquisa se encadeia, pois é neste rito em que suas bases se mantêm.

A Instituição Católica, para manter-se em meios a invasores bárbaros, teve que fazer impérios em que ela esteve, mas a Igreja católica manteve-se intacta mesmo com todos os abalos sociais, políticos e escândalos enfrentados por ela. O que mantém os fiéis numa instituição onde suas crenças morais alianças com estes; contra o domínio islâmico teve que fazer guerras. Suas ideias se adaptaram às necessidades de cada época e às realidades. Seria possível que somente por meio de alianças políticas a instituição se mantivesse há quase dois mil anos? Mesmo com alianças políticas, manipulações e adaptações, seria possível uma instituição durar tanto tempo? Caíram todos os mudaram com o tempo? O que a faz ter tantos fiéis? O que segura esse número de crentes nesta instituição?

Os questionamentos acima são os passos iniciais desta pesquisa. O fio condutor entre a fé e o mito é o rito. Na Igreja Católica, encontra-se no rito da eucaristia uma exceção das religiões; nela o Deus alimenta espiritualmente seus fiéis, seus seguidores com seu corpo e seu sangue.

No rito eucarístico, encontra-se o ápice da ritualística católica e da fé cristã. É na consagração da hóstia que o elemento profano (pão), no sentido Durkheimiano de elemento cotidiano, transmuta-se para o sagrado (corpo de Jesus). Para Durkheim (1989, p.68), o sagrado sobrepõe-se ao cotidiano, o sagrado é um símbolo, uma atribuição dada por quem crer.

Mircea Eliade (1993, p.19) acredita neste ideia de que qualquer ser ou elemento da natureza pode ser sagrado, mas não existirá coisa sagrada fora de sua realidade, fora do seu contexto. Então, para o fiel católico que comunga, ele está recebendo dentro de si o seu Deus,

que o cura das enfermidades espirituais e físicas. “É sempre numa certa situação histórica que o sagrado se manifesta. Até as experiências místicas mais pessoais e mais transcendentais sofrem a influência do momento histórico”. (ELIADE, 1993, p.9) Porém, o rito de comungar, mesmo sendo uma experiência pessoal, não é um fato histórico de uma representação apenas, mas ele sobreviveu no culto católico, ultrapassando o tempo histórico, onde a experiência do fiel é algo *sui generis* e volta a se repetir em sua psique. Ainda reforça Eliade:

O que de maneira nenhuma significa que qualquer hierofania, assim como qualquer experiência religiosa, seja um momento único, seja um momento único, sem repetição possível, na economia do espírito. As grandes experiências não se assemelham somente pelo seu conteúdo, mas freqüentemente também pela sua expressão (ELIADE, 1993, p.9)

Por meio da experiência empírica, observa-se que, diferente de muitos dogmas e de outros sacramentos cristãos, a experiência eucarística não é um rito institucionalizado, vindo da cúpula da Igreja para prática dos fiéis; mas sim, um rito que envolve tanto os fiéis como os sacerdotes. Esta observação enriquece a pesquisa fundamenta na teoria de Eliade (1993) de que uma hierofania tem que ser estudada pela experiência de quem a institucionaliza e de quem a vive. Por esse motivo, a presente pesquisa se fundamenta nos documentos da Igreja e na experiência observada do rito eucarístico.

A eucaristia é uma expressão de sacrifício, oferenda ao Deus Javé onde Cristo oferta a si mesmo como cordeiro imolado. A ideia de oferenda é tão antiga quanto a crença em divindades. Oferecer o que se tem de melhor aos deuses é uma prática das antigas religiões. O judaísmo é a religião de onde deriva a maior parte das crenças, ritos do cristianismo, até porque o personagem principal da religião cristã é um judeu, que modificou as regras de sua época por andar com excluídos socialmente, por pregar o amor antes de qualquer lei. Cristo vai além ao oferecer seu corpo e seu sangue como oferenda e determinar este ato como rito de seus seguidores: “fazei isto em memória de mim” (Lc 22,19).

A prática Eucarística mantém-se com a igreja primitiva e segue até os dias atuais. Sabe-se que é pelo culto que o mito vive. Segundo Durkheim (1989, p.96-97), a missa é o culto onde seu mito maior, Jesus, filho de Deus, morre e renasce a cada culto. Todos os mitos têm um tempo cíclico, onde volta ao ponto inicial. É por meio da missa que Jesus renasce e alimenta espiritualmente seus fiéis com seu próprio corpo transmutado. Como afirma Durkheim, o rito mantém a memória do mito vivo: “Muitas vezes, o rito não é outra coisa

senão o mito posto em ação; a comunhão é inseparável do mito pascal do qual recebe todo o seu sentido”. (DURKHEIM, 1989, p.118)

Para entendermos o processo eucarístico, faz-se necessária a compreensão do ser místico que nele habita “Jesus”. O personagem principal da maior religião do mundo ainda é nebuloso, sua comprovação histórica já é confirmada por outras fontes documentais, porém, quase tudo o que conhecemos de sua vida vem dos textos teológicos denominados de Evangelhos. (ARIAS, 2001, p.33-38)

Ao escolher os apóstolos, Jesus amplia sua missão, mostrando a luz no âmbito social, religioso e cultural. Jesus procura exemplificar para seus apóstolos uma nova ordem do amor (Jo 13,34), na relação com o simples, humildes e, principalmente, com os desvalidos socialmente, mostrando que o real poder encontrava-se no reino diferente daquele vivido por todos, que eram subjugados (Mt 5,3-11). Este reino era o reino de seu Pai, onde era compartilhado na fraternidade.

Demonstrando como deveria proceder a seus apóstolos, na última ceia, Jesus os dar uma nova ordem de amor e serviço, por meio de ações práticas como: lavar os pés, partir o pão e distribuir o vinho (Jo 5,35); em seguida, fazendo uma declaração preparatória aos presentes, informava ser o pão o seu corpo e o vinho o seu sangue (Mc 14,22-25), devendo ser compartilhado em sua presença e em memória quando este não mais estivesse junto a eles.

Partindo o pão e distribuindo o vinho, afirma ser o sangue da nova e eterna aliança que é dado para o perdão dos pecados e a salvação do mundo. Relatado como as seguintes palavras: “Tomai, todos, e comei: isto é meu Corpo que será entregue por vós” (Mt 26, 26; Lc 22, 19; 1Cor 11,24); “Tomai, todos, e bebei: este é o cálice do meu Sangue, o Sangue da nova e eterna aliança, que será derramado por vós e por todos para a remissão dos pecados” (Mc 14,24; Lc 22,20; 1Cl 11,25).

Jesus reafirma que seus ensinamentos deveriam ser sempre lembrados para sua presença permanecer entre todos os que aceitassem sua divindade na comunhão (Lc 22,19). Nesta hora, o Filho de Deus, torna-se o cordeiro de Deus, que livra o pecador do mundo. Estas afirmativas são espalhadas, socialmente e os poderosos incomodam-se com tais noticiais e convocam Jesus ao comparecimento de César Augusto (Lc 22, 66-71).

Não sendo compreendido plenamente por todos, é acusado de blasfemo (Mc 14, 63-64), e, assim, julgado pela ordem do Imperador Pôncio Pilatos (Mc 15,2-5), condenado à crucificação, onde sofreu martírios até morrer na cruz. Neste momento, o céu fica escuro, raios rasgam o véu do templo (Mc 15,38) e o Filho de Deus desce à mansão dos mortos para ressurgir ao terceiro dia (Mc 16,9), com seu corpo glorioso. E assim, vai ao céu com sua

ascensão, narrado assim pelo evangelista Lucas 24, 51: “E enquanto os abençoava, distanciou-se deles e era elevado ao céu”.

3.1- Os ensinamentos de Jesus através dos sacramentos

A Igreja Católica, no desenvolvimento de sua doutrina, organiza sete sacramentos. O próprio catecismo católico define os sacramentos no §1131 como: “sinal exterior instituído por Cristo para produzir uma graça interna”; tornando mais dinâmica e significativa a vivência da fé católica, permeada de sinais visíveis da graça de Deus, no mistério do Cristo Senhor Ressuscitado. Busca valorizar o conteúdo do mistério da morte e ressurreição, atualizada na espiritualidade sacramental.

Os ensinamentos de Jesus tornam-se presentes na vivência comunitária e têm seu clímax na ceia eucarística, ponto primordial da presença real de Cristo na terra. E, assim, pelo intermédio dos sacramentos, teremos os símbolos e ritos que externam na sua linguagem o seu sentido, por meio dos quais a Igreja Católica vai dar o seu valor aos sacramentos e criar seus símbolos e explicações para os mesmos. Sendo a linguagem responsável por esta explicitação, lembra-nos Sahlins:

Assim, a linguagem só é simbólica no sentido de que representa o mundo de uma forma, mas que não tem sentido algum se retirada do mundo; por conseguinte, é o comportamento do signo em uso, se não em invenção. Mas a arbitrariedade do símbolo é a condição indicativa da cultura humana.(SAHLINS, 2003, p.68)

Notamos as particularidades de cada sacramento, pois cada um trás, na sua essência, o sentido místico e atualizador de Cristo. O batismo – aconselhado a sua realização dos primeiros dias até os 14 anos -, a porta de entrada na comunidade eclesial. No catecismo Católico, encontramos no § 1223 a seguinte definição para a importância do batismo:

Todas as prefigurações da antiga aliança encontram sua realização em Cristo Jesus. Ele começa sua vida pública depois de ter-se feito batizar por São João Batista no Jordão, e após sua ressurreição confere esta missão aos apóstolos: "Ide, pois, fazei que todos os povos se tornem meus discípulos, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, e ensinando-as a observar tudo quanto vos ordenei (Mt 28,19-20).

Assim, o sacramento do batismo torna o cristão não apenas uma criatura, mas membro de uma instituição. Eis um motivo importante para refletirmos sobre o sinal deste selo religioso que marca a vida e a missão comportamental de um ser humano. A trajetória de um cristão é marcada por sacramentos que se finda no ato de sua morte.

Os sacramentos acompanham as diversas etapas da vida do cristão católico. No fim da vida comunitária eucarística, vem o sacramento da Unção dos Enfermos unida à oração dos presbíteros, como relata no §1499 do catecismo católico: “a Igreja toda entrega os doentes aos cuidados do Senhor sofredor e glorificado, para que os alivie e salve. Exorta os mesmos a que livremente se associem à paixão e à morte de Cristo e contribuam para o bem do povo de Deus”.

Eis aqui uma das características importantes na vida dos cristãos católicos, pois, de modo geral, estes seguidores vão sendo formados pelos sacramentos, do nascer até a morte, na esperança da ressurreição dos mortos e da chegada à morada eterna, assim como seu Mestre e Senhor, Jesus Cristo. Conscientes que cada cristão católico tem muito a contribuir dentro de sua vivência dos sacramentos. No sacramento eucarístico, o cristão sabe que deve estar numa vida correta dentro da *comunidade moral* (DURKHEIM: 1989, p.79) que regem a Igreja para receber o “corpo e sangue” do seu Senhor, pois, segundo seu rito, “quem não comer do meu corpo e não beber do meu sangue não terá a vida eterna” (Jo 6,53).

Tendo sempre em mente a valorização dos sinais visíveis da graça de Deus, todos os aspectos do sacramental: rito, símbolo, emoções, sentimentos e a experiência de vida devem considerar a importância do rito e símbolo litúrgicos. E, de modo particular, a linguagem que é utilizada para externalizar o sinal, como afirma Sahlins:

No que diz respeito ao conceito ou significado, uma palavra é referida não simplesmente ao mundo externo, mas antes de tudo ao seu lugar na língua, ou seja, a outras palavras relacionadas. Por sua diferença em relação a essas palavras, constrói-se sua própria avaliação do objeto, e no sistema dessas diferenças há uma construção cultural da realidade. (SAHLINS, 2003, p.69)

Neste contexto, encontramos um fato importante no tocante à língua, elemento presente na vida de todos os seres humanos, bem como na atualização dos sacramentos. A língua é fruto de uma expressão interna, mas traz consigo as implicações absorvidas do externo, da cultura e da vida de um povo e, por se tratar de cristãos católicos, a linguagem é

sempre a mensagem do Cristo Senhor, morto e ressuscitado, presente nos sacramentos. É o eterno renascer do Mito, o templo cíclico que o mantém vivo na memória das pessoas, o mito do Cristo morto e ressuscitado a cada culto e, assim, permanecendo imortalizado.

4- Eucaristia: sinal permanente de Deus na terra

A Igreja Católica, na Carta Encíclica, *Ecclisia de Eucharistia*, afirma que a mesma vive da Eucaristia, seguindo o mandamento de Jesus: “Tomai, todos, e comei: isto é meu Corpo que será entregue por vós” (Mt 26, 26; Lc 22, 19; 1Cor 11,24), assim como, “Tomai, todos, e bebei: este é o cálice do meu Sangue, o Sangue da nova e eterna aliança, que será derramado por vós e por todos para a remissão dos pecados” (Mc 14,24; Lc 22,20; 1Cl 11,25) e, ainda mais, “Fazei isto em memória de mim” (Lc 22,19).

Na tradição apostólica e cristã católica, a eucaristia não é um símbolo pálido, é o próprio Jesus, o Deus conosco, onde os fiéis se alimentam de seu corpo espiritual e da esperança em suas palavras de vida eterna. As suas palavras marcam a história e a vida dos seus seguidores, mas, com um diferencial, são seguidores da memória, da atualização cotidiana do mesmo mistério ocorrido. Assim, relata Carta Encíclica no seu nº 11, discorrer:

Quando a Igreja celebra a Eucaristia, memorial da morte e ressurreição do seu Senhor, este acontecimento central de salvação torna-se realmente presente e “realiza-se também a obra da nossa redenção”. Este sacrifício é tão decisivo para a salvação do gênero humano que Jesus Cristo realizou-o e só voltou ao Pai depois de nos ter deixado o meio para dele participarmos como se tivéssemos estado presentes. Assim, cada fiel pode tomar parte nela, alimentando-se dos seus frutos inexauríveis. (João Paulo II 2003, p.16)

A refeição tem um novo sabor. É pão do céu, presença real de Cristo; e, os cristãos ao comerem, têm a mesma missão. E na vida da igreja vão se desenvolvendo todos os sacramentos, a partir do sacramento da salvação, pois a eucaristia não é só comida, mas, Jesus, alimento e sinal de unidade ao Pai, conforme constamos no fragmento abaixo:

A igreja vive cotidianamente do sacrifício redentor, e tem acesso a ele não só através duma lembrança cheia de fé, mas também com um contato atual, porque este sacrifício volta a estar presente, perpetuando-se, sacramentalmente, em cada comunidade que o oferece pela mão do ministro consagrado. (João Paulo II 2003, p.19; Nº 13)

Neste prisma de pensamento e vida, a Igreja Católica vai seguindo os ensinamentos de Jesus. Na liturgia católica, sempre com seus ritos vai conduzindo de maneira concatenada e pedagógica o mistério celebrado. Lembrando que o centro de toda a vida cristã católica é a eucaristia, por excelência.

É a mesa da palavra e a mesa eucarística de onde partem os frutos da salvação. Assim, a missa ou celebração eucarística, tem, na sua estrutura litúrgica católica, partes integrantes – ritos iniciais, liturgia da Palavra e eucarística e ritos finais -, que vão encaminhando disciplinarmente pelos ritos e símbolos a fim da maior compreensão do mistério celebrado, fazendo seus seguidores sentirem, já na terra, a antecipação do céu. Podemos assim verificar na Carta Encíclica Nº 21:

O Concílio Vaticano II veio recordar que a celebração eucarística está no centro do processo de crescimento da Igreja. De fato, depois de afirmar que “ a Igreja, ou seja, o Reino de Cristo já presente em mistério, cresce visivelmente no mundo pelo poder de Deus”, querendo de algum modo responder à questão sobre o modo como cresce, acrescenta: “Sempre que no altar se celebra o sacrifício da cruz, no qual Cristo, nossa Pascoa, foi imolado’ (1Cl 5,7), realiza-se também a obra da nossa redenção. Pelo sacramento do pão eucarístico, ao mesmo tempo é representada e se realiza a unidade dos fiéis, que constituem um só corpo em Cristo (1Cl 10, 17). (João Paulo II 2003, p.29)

Assim, a eucaristia aponta para a revelação de Deus que se manifesta aos homens na palavra. Este mesmo Deus vai deixar-se conhecer. Na sua palavra, ele é conteúdo e mensageiro, mas é em Cristo que se encontra a mediação deste conteúdo de Deus. O mesmo se comunica extraordinariamente na pessoa de Jesus.

Já na criação, Deus se revela, pois as coisas criadas apontam para o seu autor. Assim, quando os homens decaem, o mesmo Deus convocará profetas para irem à frente, orientando o prumo da sua revelação. O conteúdo vai sendo atualizado no transcorrer da história até a revelação do Evangelho - o próprio Deus encarnado, Jesus – mas, a iniciativa é

divina, porém a aceitação é humana. Deus se revela e a humanidade no ato de fé acolhe e encontra, no coração de carne, um motivo para se manifestar.

Buscar no divino o ânimo para soerguer e alimentar o sopro vital da sua alma, foi, e é, a marca na vida eclesial. No entanto, na pessoa de Jesus, vai encontrar a revelação de toda a graça de Deus, ou seja, a perfeita revelação que chega aos homens como palavra e ato.

A fé vai se tornado pré-suposto da revelação. A graça de Deus vem a nós através de uma obediência e entrega total. Os dons vão atualizar na vida a graça de fé. Aqui, encontra-se um dos protagonistas do anúncio da revelação, o Espírito Santo, que é capaz de animar e fortificar a missão apostólica até os confins do mundo, e o mandato de Cristo agora se cumprirá.

Anunciar é o verbo mais debatido e buscado por todos – desde os primeiros cristãos. A tradição católica é elemento de anúncio e fé que, unida à escritura, vai dar um novo vigor à Igreja. A cada momento, a palavra do Pai torna a reafirmar toda a revelação primeira, bem como atualiza a vida da Igreja, seja pelos atos litúrgicos, seja pela autêntica fidelidade aos ensinamentos apostólicos. Mas, é na eucaristia memorial da paixão, morte e ressurreição que se compreende a vitalidade da revelação de Deus para os católicos. Bem como a apostolicidade da eucaristia na Igreja Católica, segundo a Carta Encíclica no seu N^o26:

Se a Eucaristia edifica a Igreja e a Igreja faz a Eucaristia, como antes recordei, consequentemente há entre ambas uma conexão estreitíssima, podendo nós aplicar ao mistério eucarístico os atributos que dizemos da Igreja quando professamos, no Símbolo Niceno-Constantinopolitano, que é «una, santa, católica e apostólica». Também a Eucaristia é una e católica; e é santa, antes, é o Santíssimo Sacramento. (João Paulo II 2003, p.26)

Mas, a fé é um elemento muito importante no transcorrer da compreensão do mistério eucarístico. A fé não se trata apenas de um sentimento ou conteúdo de uma religião, mas também, de modo particular, da experiência com a vida, ou seja, como dando cotidianamente significado aos conteúdos teológicos. Tendo consciência desta proposta de que a fé desenvolve-se no contato como o meio religioso, a mesma se torna mais prazerosa e significativa.

Todas as práticas religiosas devem facilitar o pleno desenvolvimento do contato com o divino, que perpassa pela construção na comunidade religiosa, tornando a fé uma

experiência fundada na vida, ou seja, momento de inter-relação, buscando valorizar sempre o conteúdo individual e coletivo de um grupo religioso.

Desse modo, a fé é importante na experiência eucarística, pois para poder comungar é necessário aceitar como verdade o corpo e sangue de Jesus nos elementos pão e vinho; bem como manter-se em comum união com os membros da igreja. Assim, lembra-nos a Carta Encíclica no seu N °23:

Pela comunhão eucarística, a Igreja é consolidada igualmente na sua unidade de corpo de Cristo. A este *efeito unificador* que tem a participação no banquete eucarístico, alude S. Paulo quando diz aos coríntios: « O pão que partimos não é a comunhão do corpo de Cristo? Uma vez que há um só pão, nós, embora sendo muitos, formamos um só corpo, porque todos participamos do mesmo pão » (*1 Cor 10, 16-17*). Concreto e profundo, S. João Crisóstomo comenta: « Com efeito, o que é o pão? É o corpo de Cristo. (...) assim também nós estamos unidos reciprocamente entre nós e, todos juntos, com Cristo ». A argumentação é linear: a nossa união com Cristo, que é dom e graça para cada um, faz com que, n'Ele, sejamos parte também do seu corpo total que é a Igreja. A Eucaristia consolida a incorporação em Cristo operada no Batismo pelo dom do Espírito (cf. *1 Cor 12, 13.27*). (João Paulo II 2003, p.23)

A fundamentação do conhecimento é importante para viver este mistério de fé, na eucaristia. A fé eucarística se constrói no vínculo estreito entre as experiências de fé e as articulações das teorias sobre a mesma, sejam teológicas ou dogmáticas.

Não se entende a fé na eucarística sem uma compreensão de seus fundamentos. E se por ventura, não encontrar resposta nem solução, valeu a atitude de refletir o próprio ato de crer e de ter fé.

A busca da fé sempre vai ser uma realidade no campo teológico, antropológico e religioso. Cabe aos teólogos, a função de estimular o pleno exercício do conhecimento da fé fundamentada. Assim, a construção do significado da fé vai ganhando uma maior compreensão, por se fundamentar nas palavras do Cristo: “faça em minha memória”.

A formação e a configuração do saber da fé vão tomando forma e significado na esfera vivida de cada crente, onde a experiência eucarística da Igreja vai mantendo viva e real a presença do *Deus conosco* na história, através da Sagrada Eucaristia.

Como foi visto, o sacramento é vivido pelos católicos, como sinal visível da graça de Deus. Carecendo dos sacramentais – símbolos – e da linguagem – forma litúrgica de oração - para uma melhor compreensão e espiritualidade.

Referências

ARIAS, Juan. **Jesus: esse grande desconhecido**. Objetiva, Rio de Janeiro: 2001

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Ed. Paulus. 4ª impressão. São Paulo: 2006.

ELIADE, Mircea, **Tratado de história das religiões**. Martins Fontes. São Paulo: 1993.

ELIADE, Mircea. COULIANO, Ioan P. **Dicionário das religiões**. Martins Fontes. São Paulo:2003

PAULO, João II. **Carta Encíclica: Ecclesia de Eucharistia**. Ed. Paulinas. São Paulo; 2ª edição, 2003.

SAHLINS, Marshall. A primeira sociedade da abundância. In: VARELA, M. H. e LUCAS, A. M. R. (orgs.) **Antropologia: paisagens, sábios e selvagens**. Porto: Porto Editora, 1972.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. Paulus. São Paulo; 2ª edição, 1989.

ELIADE, Mircea, **Tratado de história das religiões**. Martins Fontes. São Paulo: 1993.

ELIADE, Mircea. COULIANO, Ioan P. **Dicionário das religiões**. Martins Fontes. São Paulo:2003

OTTO, Rudolf. **O sagrado**. Sinodal/EST/Vozes. São Paulo: 2007

